



miguilim

VOLUME 13, NÚMERO 2 | MAIO-AGO 2024

BIOS-GRAFIAS DAS MIL ROSAS ROUBADAS: UMA LEITURA CRÍTICA BIOGRÁFICA DA JUVENTUDE EM SILVIANO SANTIAGO



BIOS-GRAPIES OF A THOUSAND STOLEN ROSES: A CRITICAL BIOGRAPHICAL READING OF YOUTH IN SILVIANO SANTIAGO

Indayá de Souza NOGUEIRA
Universidade Federal Mato Grosso do Sul, Brasil

Edgar César NOLASCO
Universidade Federal Mato Grosso do Sul, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AUTORIA
RECEBIDO EM 01/12/2023 • APROVADO EM 04/08/2024
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v13i2.1398>

Resumo

O presente artigo objetiva explicar uma leitura da obra *Mil rosas roubadas* (2014) a partir do conceito de *grafias-de-vida* (Santiago, 2020) e da epistemologia crítica biográfica (Souza, 2002). No livro *Fisiologia da Composição*, publicado em 2019 pelo crítico Silviano Santiago, a dita “relação homológica” entre o corpo do autor e a escrita na literatura é trazida à luz pelo conceito de *grafias-de-vida*, dessa concepção, a literatura é um processo

composicional no qual o *corpo* se inscreve em forma de vocábulo. Sendo assim, a leitura da obra *Mil rosas roubadas* (2014) realizada neste artigo, guiou-se pelo conceito de grafias-de-vida, relacionando a obra com a juventude do autor e evidenciando as grafias por nós encontradas. Para tanto, usaremos como aparato teórico o livro *Fisiologia da Composição* (2019) e o ensaio “MIL ROSAS ROUBADAS: a metáfora de (re)contar uma vida”, dos pensadores Pedro Henrique Alves de Medeiros e Edgar César Nolasco, para conceituar as grafias-de-vida, ademais, nos valem das proposições do próprio romance para traçar a relação entre vida, *corpo* e inscrição. Por fim, nossa reflexão se baseia em uma epistemologia crítica biográfica (Souza, 2002) que marca nosso pensamento em relação à natureza *compósita* da literatura de Silviano. Espera-se, portanto, evidenciar a relação entre corpo e literatura constatadas por Silviano Santiago no conceito de grafias-de-vida, além de apresentar a relação entre a inscrita biográfica na obra *Mil rosas roubadas* (2014) e a juventude do autor.

Abstract

This article aims to explain a reading of *Mil rosas roubadas* (2014) based on the concept of life-graphies (SANTIAGO, 2020) and critical biographical epistemology (SOUZA, 2002). In the book *Fisiologia da Composição* (Physiology of Composition), published in 2019 by critic Silviano Santiago, the so-called "homological relationship" between the author's body and writing in literature is brought to light by the concept of life-graphs, in which literature is a compositional process in which the body is inscribed in the form of words. Therefore, the reading of *Thousand Stolen Roses* (2014) carried out in this article was guided by the concept of life-graphics, relating the work to the author's youth and highlighting the graphs we found. To this end, we will use the book *Physiology of Composition* (2019) and the essay "A thousand stolen roses: the metaphor of (re)telling a life", by thinkers Pedro Henrique Alves de Medeiros and Edgar César Nolasco, as a theoretical framework to conceptualize life-graphics, and we will also use the propositions of the novel itself to trace the relationship between life, body and inscription. Finally, our reflection is based on a critical biographical epistemology (SOUZA, 2002) that marks our thinking in relation to the composite nature of Silviano's literature. We therefore hope to highlight the relationship between the body and literature.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Grafias-de-vida. Mil rosas roubadas. Crítica biográfica. Silviano Santiago.

Keywords: Life graphies. Mil rosas roubadas. Biographical criticism. Silviano Santiago.

Texto integral

Introdução

Cenas domésticas e aparentemente inexpressivas para a elucidação dos fatos históricos passam a compor o quadro de pequenas narrativas, igualmente responsáveis pela construção do sentido subliminar da história.

SOUZA. *Crítica cult*, p. 115.

O que nos interessa aqui, suscitando o trecho epigrafado, são as cenas domésticas e aparentemente inexpressivas que ilustram o pontapé inicial da

formação intelectual de um dos maiores pensadores brasileiros, Silviano Santiago. Relatada pelo mesmo na obra *Mil rosas roubadas* (2014), a juventude de Silviano se encena na aspirante metrópole da Belo Horizonte dos anos 1950. Misturando o cinema, o cenário artístico-cultural de sua época, o desejo intelectual e uma série de descobertas, as mil rosas biografadas por Silviano fazem um retrato de sua juventude, de seu relacionamento com Ezequiel Neves e do cenário político-cultural que ali emergia.

Assim, a presente reflexão, à luz da crítica biográfica, é de *natureza compósita*. Eneida Maria de Souza “[...] Possibilita a interpretação da literatura além de seus limites intrínsecos e exclusivos, por meio da construção de pontes metafóricas entre o fato e a ficção”, assim, o trabalho aqui empreendido interpreta a obra literária *Mil rosas roubadas* (2014) além de seus limites exclusivos relegados a ficção, mas a partir das pontes metafóricas que ligam a produção literária a realidade empírica do autor.

Para tanto, nos amparamos também no conceito de grafias-de-vida (Santiago, 2020, p. 04) também proposto por Silviano no livro *Fisiologia da Composição* (2020), que compreende o valor do corpo como um vocábulo na literatura (Nolasco, 2019, p. 06). Dito isso, o desafio ao qual o mineiro se propõe, objetiva biografar o seu biógrafo, Ezequiel Neves, amigo-amor para o qual Santiago dedica a obra. Após o falecimento de Ezequiel, em 2010, Silviano dedica “mil rosas roubadas”, representação do afeto partilhado entre os dois em história que começa em 1952 e se consolida a partir da cultura. Literatura, música e cinema ilustram o cenário do que chamaremos de *teenagers*.

Posto isso, na obra ao qual Silviano argumenta que a literatura é uma arte de corpo presente (Santiago, 2020, p.16), estabeleço os paralelos entre a conceituação das grafias-de-vida de Silviano, inscritas no romance *Mil rosas roubadas* (2014) a partir da relação homológica (Santiago, 2020, p. 13) entre a vida e a escrita literária. Assentada nas proposições conceituais de Eneida e Silviano, entendo que, ao biografar seu amigo/amor Ezequiel Nevez, Silviano inscreve momentos importantes de sua juventude em Belo Horizonte, grafando seu corpo de intelectual emérito em memórias roubadas de sua juventude, a partir da história de seu co-partícipe Ezequiel Nevez.

Mil rosas roubadas: a juventude

É tão difícil viver os desdobramentos da puberdade. Não há encantamento que não traga ferida. Não há ferida que recorde dor ou desencanto com a vida. Não há dor ou desencanto com a vida que, transformados em cicatriz desenfitejada de qualquer apelo cristão, não pulsem na lembrança diária como coração feliz, embora emaranhado em amarguras e trevas imprevisíveis.

SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 50.

[...] Paixão cruel, desenfreada

Te trago mil rosas roubadas

Pra desculpar minhas mentiras, minhas mancadas

Exagerado

Jogado aos teus pés

Eu sou mesmo exagerado

Adoro um amor inventado

CAZUZA. Exagerado. Rio de Janeiro: Som Livre: 1985. Online (1:35).

Assim como apresentado no trecho epigrafado, a juventude é o período da vida caracterizado por múltiplos desdobramentos, marcados no corpo, alma e identidade dos indivíduos. É na juventude que descobrimos os encantamentos e prazeres que o mundo proporciona, e que nós, enquanto indivíduos, somos capazes de proporcionar, assim como as dores, angústias e aflições que o processo de amadurecimento carrega consigo. Na juventude, tudo tem caráter desvolto, “velhice e infância são inseparáveis- como dizia Machado de Assis” (Santiago, 1985, p. 9) entretanto, entre os dois há o hiato, o meio do caminho, a trajetória.

Neste pensar, estamos no meio do caminho, ao tratar-se da vida, contamos como em narrativa clássica, na estrutura início-meio-fim. Neste meio, para tratarmos da juventude do autor-crítico-professor brasileiro Silviano Santiago, nos valem das reflexões propostas pelo autor nos livros *Mil rosas roubadas* (2014), ambos os livros, publicados em diferentes épocas, refletem questões da mocidade, como amor, paixão, amizade, sexualidade, identificação e descobrimento.

Essas reflexões transmutam-se na narrativa que registram as características da obra do autor, dando continuidade ao trabalho que mescla ficção e memória, inscrevendo-se na obra como narrador, personagem, eu lírico, biógrafo e biografado. Silviano narra, em *Mil rosas roubadas* (2014), a história de Ezequiel Neves (Zeca), jornalista cultural, crítico e letrista de música popular, amigo e amor de Silviano por toda sua vida desde seu encontro em 1952 até sua morte em 2010. Ao traçar o caminho reflexivo, memorístico, ficcional e descritivo de Zeca, Silviano biografava sua própria juventude na cidade de Belo Horizonte, enquanto os jovens de dezesseis anos empenham descobertas sobre o universo artístico dos anos 1950 através da música, teatro e cinema brasileiro.

Dessa forma, a história de Zeca é usada como pano de fundo para a biografia da juventude de Silviano, que inicia o livro dizendo “Perco meu biógrafo. Ninguém me conheceu melhor do que ele.”(Santiago, 2014, p. 07), a partir dessa afirmação, discorre reflexivamente sobre a vida de seu amigo-amor, entrelaçada à sua desde que os dois se conheceram, em 1952. Na imagem em seguida, vemos a capa do livro em questão em sua última edição, com ilustração do artista francês Jean Cocteau:

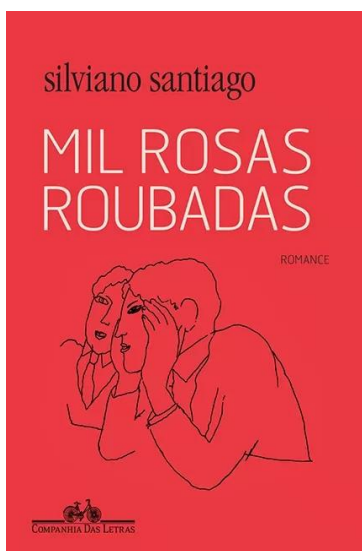


Figura 1 – Capa do livro *Mil rosas roubadas* (2014), de Silviano Santiago.

Fonte: <https://g1.globo.com.br/>

Assim, a obra mistura ficção, biografia, depoimento e ensaio, desdobrando-se enquanto conta a história de Silviano e Ezequiel, na antiga Belo Horizonte dos anos 1950, transita pelo romance de geração, enquanto reconstrói o contexto histórico e cultural de uma época a partir da perspectiva de dois jovens de classe média. Perpassamos então, pela formação sociocultural do Brasil enquanto nos emaranhamos pelos sentimentos, ambições e questões do corpo por intermédio de Ezequiel e Silviano.



Figura 2 – Silviano (esq.) e Ezequiel (dir.)

Fonte: <https://revistacontinente.com.br/>

Inicialmente, cabe ressaltar que Silviano, em entrevista prestada a plataforma Itaú Cultural em 2014, fala sobre ter ponderado colocar o título do livro como “Exagerado”, assim como a música de Cazuza, na qual também se refere às *Mil rosas roubadas* (2014). Paralelamente, Ezequiel de Neves em sua carreira de produtor musical, foi co-autor dessa música ao lado de Cazuza. Frente a isso, Silviano, Ezequiel e Cazuza são atravessados pela música “Exagerado”, canção usada para tematizar um amor jovem, intenso e circunscrito pela invenção

metafórica de uma paixão platônica. Na imagem a seguir, Cazuza e Ezequiel durante o tempo em que trabalharam juntos:

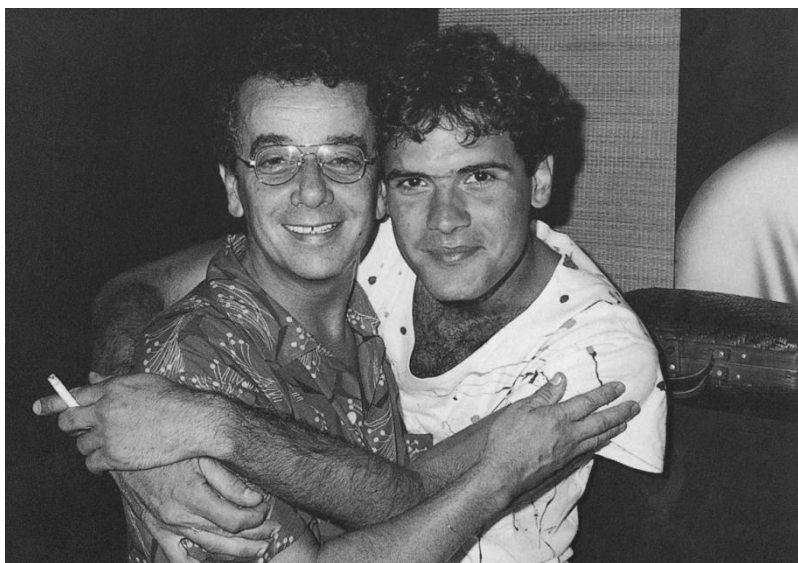


Figura 3 – Ezequiel Neves e Cazuza, os eternos exagerados.

Fonte: <https://revistacontinente.com.br/>

Silviano e Zeca se conheceram em 1952, ambos moradores de uma Minas Gerais recém fundada, nessa época, a cidade de Belo Horizonte se encontrava entre os parâmetros tradicionalistas da família tradicional mineira e da modernidade trazida pelo processo de industrialização. Dessa forma, a juventude de Silviano se deu em meio ao processo de “modernização” e desenvolvimentismo brasileiro com a construção de avenidas, praças e o processo de industrialização que configuraram a atmosfera de inovação e mudança. Na imagem em seguida, a cidade de Belo Horizonte em 1950:



Figura 4 – Cidade de Belo Horizonte em foto postal na década de 1950.

Fonte: <https://www.rm.gouvêa.leilões.com.br/>

Ademais, a geração de Silviano, como o próprio a chama, “geração pós-Pasteur” foi o primeiro após a Revolta da Vacina, e ele, assim como Ezequiel, tiveram acesso à boa parte das vacinas disponíveis na época. Assim, o fato dos jovens se verem livres de preocupações voltadas para a sobrevivência, por fazerem parte dessa nova era, além de constituírem a classe média belo-horizontina, ambos conseguiram se dedicar às suas inclinações as artes, ao cinema e ao teatro, o que mais à frente seria característica mister de uma geração de jovens que conheceram os paraísos artificiais e o desbunde comportamental.

Assim, Silviano narra sua história com Zeca desde o primeiro encontro dos dois, nos ambientando em Belo Horizonte, na recém nascida Minas Gerais em processo de crescimento, entre o Bairro dos Funcionários e o Bairro da Barroca, lar de Zeca e Silviano, respectivamente. As avenidas que circundam os bairros e levam as três praças que ligavam os dois e ficavam próximas ao cinema, o prefeito/governador, que posteriormente tornou-se presidente Juscelino Kubitschek, também fez parte desta história, além do sentimento de curiosidade e despertar juvenil dos dois rapazes.

Silviano relata a identificação do grupo de jovens com o que ele chama de *tenageer*, neologismo estadunidense usado para nomear a nova geração de jovens que ali surgiam, a partir do paradigma social que se expandia pelo mundo pós revolução industrial. Assim, segundo o que diz Santiago (2014, p. 47), para os *tenageers*:

Os estudos eram motor importante na formação intelectual do futuro cidadão, embora fossem menos importantes que a atenção canalizada para a modernização do mundo tal como transmitida pelas imagens do cinema e pelas canções estrangeiras tocadas na vitrola.

Assim, essa juventude conhecedora das artes, privilegiada, ligada ao intelectualismo e as concepções de novidade presente no mundo uniu-se ao interesse íntimo do autor por histórias, remetendo aos gibis de sua infância e a ficcionalização do dia-a-dia, além disso, a solidão que esteve com Silviano durante sua infância não o abandona em juventude, sendo agora caracterizada pela crítica cinematográfica, sua era *tenageer*, Belo Horizonte e Ezequiel.

Dessa forma, após já se conhecerem de vista do Cine Guarani e do Clube de Cinema frequentado aos sábados, Zeca e Silviano se falam pela primeira vez na Praça Sete, após mais uma sessão. Silviano se vê surpreso e atento às atitudes do novo amigo enquanto os rapazes esperam o bonde passar.

Ao se tratar da Praça Sete, Silviano (Santiago, 2014, p. 67) afirma em sua primeira conversa com Zeca “Sinto-me uma borboleta azul a esvoaçar por toda a praça Sete”, em meio à multidão de pessoas que frequentavam a praça naquele dia, Silviano e Ezequiel, esvoaçando como borboletas, se encontraram e conversaram, ambos os secundaristas estavam prestes a serem reprovados em suas respectivas escolas nas disciplinas de ciências exatas, logo, Zeca sugere que os dois se matriculem no Colégio Marconi. A seguir, imagem da praça Sete, lugar onde Silviano e Ezequiel conversaram pela primeira vez:



Figura 5 – Foto postal da Praça Sete de Setembro, da década de 1950.

Fonte: <https://www.rm.gouvêa.leilões.com.br/>

Assim, inicia-se a amizade entre Silviano e Zeca, desde o início, a relação dos dois foge aos padrões tradicionais de amizade, onde o afeto impera acima dos demais sentimentos. Desde o início, Silviano e Zeca observam e interagem criticamente um com o outro, separados pelos diversos momentos de distanciamento ao longo da vida, os rapazes estão constantemente atentos um ao outro. Longe de serem iguais, apesar das inclinações e interesses em comum, o distanciamento que o separou ao longo da vida supera as fronteiras geográficas, suas personalidades, visão de mundo, contexto social, cultural e financeiro também foi fronteira na amizade dos dois.

Entretanto, apesar dessa amizade fugir dos padrões aos quais estamos acostumados, tanto os afetos quanto os momentos de tensão configuraram o que entendemos como amizade política, a partir do poder transformador que a relação de Zeca e Silviano exerceram sobre a vida particular e intelectual dos dois. A partir disso, observamos o grande poder transformador intelectualmente exercido pela relação dos autores:

O que se deve estabelecer é o questionamento. As relações em que não há o questionamento, pouco se fazem transformadoras. Pretendem-se fugir da noção canônica de amizade enquanto consensual, a crítica e consolidada pela conformidade. Por estar engendrada sob um viés político, o caráter transformacional, deve-se fazer presente. (Medeiros; Nolasco, 2017, p. 88)

A partir dessa relação, Silviano se intitula como o sobrevivente dessa amizade, aquele que ficou responsável por contar a história, o biógrafo. Zeca, por outro lado, é o biografado, a parte do relacionamento que se foi, a voz que já não ecoa na observação crítica dos intelectuais um sobre o outro. Frente a isso, a história é narrada por Silviano em primeira pessoa, apesar da figura do narrador não ser referida no pronome pessoal da primeira pessoa do singular “eu”.

A narrativa se desdobra sem o aparecimento do narrador de forma mais explícita, pois Silviano se compromete em narrar a história do amigo que se foi, o

seu biógrafo. Entretanto, é latente a autobiografia do autor presente no romance, alguns fatos que fizeram parte desse momento da vida, a juventude, comum aos dois personagens nascidos no mesmo ano e que passaram por essa fase no mesmo momento sócio-histórico brasileiro e mundial.

Apesar disso, como já foi dito, os autores estão longe de serem almas-gêmeas, a visada crítica que um tem sobre o outro é trazido por Silviano na perspectiva daquele que conta a história e escancara para nós leitores as diferenças entre os dois, traçando parte da personalidade dos rapazes naquela fase da vida. Enquanto Silviano se diz, parafraseando nossa epígrafe como um jovem caprichoso, excêntrico e aplicado, Zeca é destacado pelo autor como: "Em mineirês, diria que no fundo ele era um aparecido. Pessoa perturbadora e incomoda" (Santiago, 2014, p. 52), pelo estilo único, a segurança e a discrição do amigo.

Logo, a partir das diferenças, e das semelhanças nas diferenças, Silviano descortina a história que mescla ficção, depoimento, teoria e biografia. A obra é, nessa perspectiva, uma explosão de saberes, forte em sua multidisciplinariedade usada para narrar de forma literária, filosófica, psicológica, ensaística, cultural e social, a trajetória dos jovens mineiros.

Silviano tornou-se crítico de cinema no início de sua mocidade e carregou a crítica consigo por toda sua vida, entretanto, antes da faculdade de Letras e do despertar de seu interesse pelas linguagens, nosso mineiro usufruiu dos privilégios da vida intelectual e artística na Velha Gerais. Assim, a Juventude de Silviano foi ultrapassada pelo conhecimento e formação cultural, o contato com outros intelectuais, artistas plásticos, bailarinos e críticos cinematográficos.

Nesse ponto, observa-se a ruptura entre a infância pacata em Formiga para a juventude boêmia, intelectual e artística que vinha quebrando os paradigmas da família tradicional mineira. O interesse por literatura surgiu em Silviano ainda *teenager*, enquanto Zeca gostava mais de linguagem jornalística, Silviano se interessava mais por documentos, ambos interessados em lidar com questões da atualidade. Como Silviano (2014, p. 179) constata ao lembrar a estante do amigo: "Nossa vida foi longa e influenciada por isso a que se chama de atualidade artística e política".

No ano de 1959 Silviano se graduou em Letras Neolatinas pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e em 1960, deixa seu estado e migra para o Rio de Janeiro, especializando-se em literatura francesa, portão de entrada que leva o mineiro à Universidade de Paris, Sorbonne, no doutorado. Esse foi um dos momentos onde Silviano e Zeca se viam em seus hiatos, os períodos de distanciamento dos autores no qual suas vidas tomaram rumos diferentes, Silviano já lecionava em universidades enquanto Zeca estava trabalhando como crítico de cinema e música em jornais, ator e escritor.

Um dos distanciamentos entre Silviano e Zeca se deu justamente a partir da visão de mundo e de carreira dos dois, Silviano sempre teve a segurança de sua profissão e posteriormente, sua aposentadoria, Zeca acreditava em uma espécie de filosofia hippie, vivendo um dia de cada vez e se dedicando às artes. Tal conjuntura é citada por Santiago em alguns momentos do livro como uma diferenciação social e econômica entre os dois a partir de sua estabilidade e independência financeira.

Nos anos de distanciamento, Silviano desenvolveu a fino trato seu interesse por literatura, sendo possível citar entre seus mestres literários da juventude

Carlos Drummond e Guimarães Rosa, além de André Gide, estudado pelo mineiro em seu projeto de doutorado. Após seu doutorado em Paris, Silviano deu aula por um tempo em instituições norte-americanas antes de transferir-se para a PUC- Rio e logo, assumir como professor na UFF, instituição onde o mineiro lecionou até o fim de sua carreira docente.

Aos anos de juventude passados com apenas encontros esporádicos entre os mineiros, parte da vida um do outro desde 1952, comunicavam-se remotamente ou encontravam-se em Belo Horizonte, sempre em contextos diferentes da vida, mantendo o afeto crítico que permeia essa amizade. *As Mil rosas roubadas* (2014), de Silviano para Zeca, se dividem em 11 repartições: Admiração, Primeiro encontro, Borboletas azuis, Garimpeiro, Palco, Cautelas, Estilo, Jazz lady, Cúmplice, Promiscuidade e Armadilha. Todas usadas para contar uma história não linear, que foge dos modelos canônicos de romances românticos, de amizade e de geração.

A criação do primeiro amor, a amizade crítica, a observação do ser um do outro que os levou a se conhecer tão bem, além dos encontros de tempos em tempos, das conversas trocadas e da atmosfera de descobrimento do romance nos conduzem pelos sentimentos eufóricos da juventude. Desde o rompimento com as perspectivas infantis de Silviano, até as decepções e desencontros da vida jovem-adulta, o mineiro tematiza a homossexualidade enquanto relembra a vida de seu amado amigo Ezequiel Neves.

Todo esse processo se desenha em um fluxo a partir da morte do Zeca em 2010, frente a isso Silviano decide biografar o seu biógrafo. Voltando novamente a nossa epígrafe, e parafraseando a epígrafe usada por Silviano no início do livro, de Sándor Márai, sobrevivermos a uma pessoa que amamos é um crime inqualificável da vida. Silviano, em sua condição de sobrevivente, trás *Mil rosas roubadas* (2014) para Ezequiel. No último parágrafo de seu livro, o mineiro diz (Santiago, 2014, p. 276):

O anjo deixará que eu sofra e me alegre, que ame até o fim. Não quero mais brincar de viver por detrás da vidraça. Nunca vivi a vida em aquário, porque a buscaria agora que o vidro se quebra e a água se esparrama pelo chão, encharcando todo o apartamento? [...] Nela, ele e eu estamos sentados num sofá da sala de estar de sua casa.

Mil rosas roubadas (2014) é a quebra de uma vidraça, do autor tão conhecido pela crítica literária, trazer um livro biografando seu amigo, propõe para nós, leitores, um novo tipo de sensibilidade. Assim como cantou Cazuza, e compôs Ezequiel, Silviano escreveu suas *Mil rosas roubadas* (2014). O exagero é uma tendência típica da juventude, ser intenso, se arriscar, amar e criar são processos naturais do meio do caminho- onde nós ainda estamos.

Enquanto jovem, Silviano também exagerou, foi *teenager*, sonhou, amou e produziu, também se deslocou e discordou das premissas de vida ao qual todos somos impostos para seguir aquilo que acredita, “quebrou o vidro do aquário”(Santiago, 2014, p. 276). Desbravou outros lugares, criou uma grande lista de amigos intelectuais ou não, dentro e fora da academia, vivenciou a boemia da juventude artística e a angústia do intelectualismo.

No que se refere à juventude, observamos a formação e o início de carreira de um intelectual à frente de seu tempo, suas primeiras interações artísticas, as amizades que o levaram ao seu interesse específico por literatura, a cidade onde viveu e fechou seus primeiros ciclos de formação. Silviano está a um passo à frente no intelectualismo brasileiro, tornando-se referência para as próximas gerações e sendo um dos intelectuais latinos com maior produção. Todo o processo de formação por nós desvendado, além das angústias e paixões, das tendências temporais e da sociopolítica do momento, nos permitiu conhecer sua personalidade enquanto jovem crítico, escritor, apaixonado por cinema e posteriormente literatura, um jovem observador e criativo.

Considerações finais

Fielmente infiel, procuro nos complementar onde mais faltamos enquanto divíduos desejanter de memória, de arquivamento, e de consignação.

MEDEIROS. *Escrevivências em Silviano Santiago*, p. 115.

Em entrevista exibida em abril de 2016 para o programa Super Libris do canal Sesc TV, Silviano diz ser “Sempre autobiográfico e raramente confessional”. A produção intelectual do mineiro está, como nas palavras do mesmo, atravessada pela autobiografia em sua essência. Ainda que, em suas obras, a separação entre o real e o ficcional estejam assentadas em uma linha tênue de metaforização, ao qual Silviano mescla ficção e realidade, toda sua produção se circunscreve, segundo o mineiro, em uma paixão pelo real. O real para Silviano, como foi dito na entrevista, se apresenta na relação apaixonada do escritor com o mundo que conheceu, sua casa na infância, a cidade de Formiga e as “Velhas Gerais” da qual o autor trata em *Mil rosas*.

Para além dos espaços, Silviano se apega à memória, especialmente no que tange a paixão. Neste sentido, o mineiro expressa o seu desejo de memória, suscitando o trecho epigrafado, o desejo de memória é aludido no exercício intelectual de complementar o que nos falta. A falta de Ezequiel, o biógrafo de Silviano, recuperou seu desejo por uma memória que viesse complementar o lugar vazio deixado pelo amigo-amor. Fielmente infiel, em *Mil rosas roubadas* (2014) Silviano empenha a tarefa de biografar seu biógrafo e por conseguinte, realiza o exercício de escrita que culmina no biografar de um período de sua vida regado por descobertas e mudanças.

Percebe-se que as artes, especialmente a literatura, atravessaram a vida do mineiro de Formiga, recém migrante para a capital em formação Belo Horizonte, em tempos de gestação de um período político caracterizado pela brutalidade para com os artistas, pesquisadores e estudiosos do país. Em contrapartida, o cinema e a literatura, na juventude de Silviano, desabrocharam, assim como as rosas roubadas trocadas entre Ezequiel e Silviano. A euforia da juventude que habita ainda hoje no coração dos jovens, também atravessou o caminho de Silviano de forma transformadora, o autor, criativo e encantador, seguiu seu interesses como instintos, migrou da crítica de cinema para a literatura por puro e mísero interesse,

se encontrou e, até os dias atuais, nos agracia com sua sabedoria e sua percepção de vida e mundo a partir das artes.

Referências

MEDEIROS, Pedro Henrique Alves de. *Escrevivências em Silviano Santiago: exercícios de crítica biográfica fronteira*. Curitiba: Editora CRV, 2023.

MEDEIROS, Pedro Henrique Alves de; NOLASCO, Edgar César. MIL ROSAS ROUBADAS: a metáfora de (re)contar uma vida. *Revista UNIABEU*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 26, p. 86-93, 2017.

NOLASCO, Edgar. Políticas da crítica biográfica. *Cadernos de Estudos Culturais*, Campo Grande, v. 2, n. 4, p. 35-50, jul.-dez. 2010.

SANTIAGO, Silviano. *Fisiologia da composição: gênese da obra literária e criação em Graciliano Ramos e Machado de Assis*. Pernambuco: Editora Cepe, 2020.

SANTIAGO, Silviano. *Mil rosas roubadas: romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SANTIAGO, Silviano. *Stella Manhattan*. São Paulo: Companhia das Letras, 1985.

SESC TV. Silviano Santiago apresenta seu local de trabalho. Youtube, 12 de abril de 2016. Disponível em: https://youtu.be/tz_xsB5hKlk?si=hkDyr_EU1FS_YQv5.

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

Para citar este artigo

NOGUEIRA, Indayá de Souza; NOLASCO, Edgar César. Bios-grafias das mil rosas roubadas: uma leitura crítica biográfica da juventude em Silviano Santiago. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 13, n. 2, p. 135-147, maio-ago. 2024.

Autoria

Indayá de Souza Nogueira é graduanda em Letras Português- Espanhol pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/ UFMS) pela Fundect-Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia sob orientação do Prof. Dr. Edgar César Nolasco com o projeto intitulado "Escrever para com-viver: Racionais Mcs e o rap como devir descolonial". É membro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados- NECC e participante dos projetos Estudos Culturais Comparados, Paisagens transculturais na fronteira sem lei e Cadernos de Estudos Culturais. E-mail: indaya.souza@ufms.br; ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0009-6262-5202>.

Edgar César Nolasco é professor titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Possui mestrado em Teoria da Literatura (UFMG), doutorado em Literatura Comparada (UFMG), com pós-doutorado em Cultura (PACC-UFRJ). Ministra as disciplinas Teoria da Literatura e Literatura Comparada na Graduação em Letras e Literatura Comparada e Teorias sem disciplina na Pós-Graduação Estudos de Linguagens. É fundador e coordenador do NECC: NÚCLEO DE ESTUDOS CULTURAIS COMPARADOS (desde 2009), e editor-presidente dos periódicos do grupo CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS (desde 2009). Além de estudioso da obra de Clarice Lispector, tem pesquisado e orientando projetos acerca dos Estudos descoloniais/fronteiriços. E-mail: ecnolasco@uol.com.br; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8180-585X>.